

Libretos de Criação: experiência de brincar com sons em Rodas Poéticas na Educação Infantil

Dulcimarta Lemos Lino

Sandra Regina Simonis Richter

UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul

dulcimartalino@gmail.com

srichter@unisc.br

Resumo: O projeto Libretos de Criação: experiência de brincar com sons em Rodas Poéticas na Educação Infantil, tem como objetivo perseguir modos de registrar a experiência lúdica de convivência linguageira. A metodologia das Rodas Poéticas no ateliê da universidade sustenta-se no processo de interação propositiva intensa com as materialidades sonoras e musicais, com os tempos e os espaços e com o movimento do corpo na intenção de ampliar repertórios tanto das crianças quanto dos adultos. Ao afirmar a relevância pedagógica do encontro entre adultos e crianças no complexo processo de aprender o poder inventivo de habitar a linguagem toma como foco reflexivo a experiência de brincar com sons. A investigação contribui para subsidiar uma abordagem teórico-metodológica que partindo da fenomenologia permita aos alunos e alunas do Curso de Licenciatura em Pedagogia (re)conhecerem e (com)preenderem o significado da circularidade entre teoria e prática na docência da Educação Infantil, também articuladas cotidianamente na Educação Musical.

Palavras-Chave: formação de professores; educação infantil; educação musical;

Notas introdutórias

A proposta de pesquisa emerge do interesse acadêmico em aprofundar estudos no campo da Educação Musical para afirmar a relevância pedagógica do encontro entre adultos e crianças no complexo processo de aprender o poder inventivo de brincar com sons, “desfrute estético que produz ação sonora e musical” (AKOSCHKY, 2016). O ateliê da universidade tem se constituído no espaço-tempo investigativo de pensar a docência na Educação Infantil visando desenvolver fundamentação teórico-metodológica no que se refere à formação docente inicial e continuada no campo da Educação Musical.

A intenção de estudar modos de registrar as interações lúdicas nas Rodas Poéticas através de “libretos de criação” pretende problematizar, nas ações educativas com bebês e crianças

pequenas¹, a separação pedagógica entre modos de agir e habitar a linguagem para resistir à simplificação promovida pela fragmentação nos processos de aprender a interpretar e valorar o mundo. A fragmentação é dada pela histórica polarização no pensamento ocidental entre razão e imaginação, entre teoria e prática, entre sonoro e musical, a qual instala o esquecimento da ludicidade, a eliminação do prazer da atenção estética implicada em toda ação que promove a integração entre sensível e inteligível. Nesse sentido, o desafio deste projeto está em enfrentar a tradição conceitual de conceber a linguagem como representação de mundo, dividida em áreas estanques, dada pela desconsideração da experiência temporal do corpo nos processos de aprender a potência poética das sonoridades na criação de sentidos, desde a creche.

No Brasil, os diferentes embates em torno da educação da infância tem mostrado a relevância de estudar e debater a dimensão lúdica da linguagem (AKOSCHKY, 2016; FONTEERRADA, 2015; BRITO, 2003; MATEIRO;ILARI; 2011; GOBBI, 2010; OSTETTO, 2006; RICHTER; BARBOSA, 2010; FRABETTI, 2011; STACCIOLI, 2011; BOURCHEID, 2014; GOBBI; PINAZZA, 2014; RICHTER; BERLE, 2015) nas primeiras etapas da Educação Básica. Porém, o interesse em estudar a experiência de estar em linguagem (AGAMBEN, 2011), desde diferentes modos de imaginar e perceber o mundo (RICHTER, BERLE, 2015), desafia a pesquisa no campo da Educação Musical a perseguir outras estratégias teórico-metodológicas para abordar a educação das infâncias: em dimensões e não em estruturas, conceitos, representações. Assim, em oposição à ampla tendência de universalizar ou lançar um olhar atemporal à questão da linguagem², o termo dimensão é aqui utilizado no sentido fenomenológico que lhe dá Merleau-Ponty (1999a, p.206) para negar a divisão entre sensível e inteligível, ou seja, entre corpo e mente. A dimensionalidade aponta que cada “sentido” é um “mundo”, no qual “o mundo” é “este conjunto em que cada ‘parte’, quando a tomamos por si mesma, abre de repente dimensões ilimitadas – torna-se parte total” (MERLEAU-PONTY, 1999b, p. 202, grifos do autor). Trata-se de pensar que, para bebês e crianças pequenas, não há

¹ Conforme Brasil (2009b), bebês são considerados como crianças de 0 a 18 meses; crianças bem pequenas como crianças entre 19 meses e 3 anos e 11 meses; crianças pequenas como crianças entre 4 anos e 6 anos e 11 meses.

² A “questão da linguagem” diz respeito à intenção de acolher o mistério da linguagem como fenômeno (MERLEAU-PONTY, 2012) que pode ser interrogado, mas não descortinado. Sempre estaremos diante do mesmo enfrentamento: “a linguagem só permanece enigmática para quem continua a interrogá-la, isto é, a falar dela” (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 197).

sentido em fragmentar possibilidades de ação e interação no mundo a partir da histórica cisão ocidental entre saber sensível e conhecimento intelectualivo (BOURSCHEID, 2014).

A intenção de refletir modos de registrar o vivido nas Rodas Poéticas, como modo de sustentar a relevância educacional da dimensão lúdica da linguagem, a partir da escuta sensível das interações implicada na convivência entre adultos, bebês e crianças pequenas no âmbito da Educação Infantil, contribui para resistir à simplificação de ações educativas alicerçada na concepção de Música como representação de um mundo já dado; protagonizada na abordagem do desenvolvimento cognitivo; na antecipação de práticas de ensino e aprendizagem espelhadas no Ensino Fundamental, com listas de conteúdo; ou seja, na “negligência do humano”, fabricante da imaginação criadora como objetivo da Educação Musical (KOELLREUTTER, 1995).

Neste sentido, o presente projeto de pesquisa contribui para subsidiar uma abordagem teórico-metodológica que permita aos alunos e alunas do Curso de Licenciatura em Pedagogia (re)conhecerem e (com)preenderem o significado da importância do objetivo educacional da circularidade entre teoria e prática (CHARLOT, 1996). Aprender a organizar, acompanhar, registrar e documentar o encontro entre adultos, bebês e crianças pequenas nas Rodas Poéticas favorece aos graduandos exercitar seu fazer-pensar com sons e músicas na articulação circular de teorias e práticas comprometidas com uma proposta de educação infantil de qualidade (DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2003), alicerçadas nas proposições dispostas nas Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil – DCNEI (BRASIL, 2009a) e na fixação de campos de experiências e objetivos de aprendizagem em discussão da Base Nacional Comum Curricular de Educação Infantil – BNCCEI, que exigem a experimentação de práticas criativas de improvisação e composição.

Para Kishimoto (2016, p. 14), um currículo baseado na experiência, como o proposto pelas DCNEI, que cobre amplo campo de experiências, exige intencionalidade em viabilizar um ambiente educativo que dispõe de opções às crianças e possibilidades para exploração individual e coletiva. Tanto o encontro nas Rodas Poéticas quanto o registro do vivido podem promover a aproximação dos acadêmicos de Pedagogia ao cotidiano sonoro e musical contemporâneo da creche e da pré-escola, interligando formação e trabalho (PIMENTA, 2002) à medida que constitui saberes necessários e possíveis à docência (BARBOSA; RICHTER, 2010) concebida

como ato criador. Aqui, brincando, as alunas-professoras e as crianças experimentam as materialidades sonoras e musicais para movimentar a Música Tradicional da Infância (HORTÉLIO, 2014), explorar a gramática musical, improvisar e criar outras formas de ser Música.

O projeto *Libretos de Criação: experiência de brincar com sons em Rodas Poéticas na Educação Infantil*, por dizer respeito à vida em sua complexidade, exige a opção pela abordagem fenomenológica como estratégia metodológica para acompanhar percursos de formação docente. Nessa compreensão, emerge o sentido de fenômeno como acontecimento já que “não é o que se produz em um mundo, ele abre um mundo” (ESCOUBAS, 2007, p. 229), ele o amplia ao redimensioná-lo. Assim, esse projeto propõe investigar o encontro entre adultos, bebês e crianças pequenas como fenômeno que aparece no registro da ação de brincar com sons, gestos, silêncios, cores, palavras, materialidades e objetos do mundo.

Investigar modos de confeccionar *Libretos de Criação* para registrar acontecimentos nas Rodas Poéticas ultrapassa a dimensão de relato de situações vivenciadas para conjugar fenomenologicamente descrição, reflexão e interpretação das experiências linguageiras em função de um processo de formação que ressoa criação na trajetória de se constituir educador (a) da infância na escola, com as famílias, na sociedade. Tanto adultos quanto crianças convivem no ateliê para habitar a linguagem ao brincar com as materialidades sonoras e musicais e com o outro que está com elas. Desse tempo de descontinuidade imprevisível de interações emerge, de modo inseparável, um movimento do corpo, um divertimento, uma tensão que escultura-se como brincar (KISHIMOTO, 2010). Portanto, na experiência de brincar com sons, crianças e adultos exercitam-se na imprevisibilidade do ato criador, ressoando simpatia e disposição à experiência de sentidos.

Brincar com sons

Na experiência de brincar a Música pode emergir como instalação do mundo, onde a expressão não pode ser a tradução de um pensamento claro, pois que, os pensamentos claros são os que já foram ditos em nós, ou pelos outros a concepção não pode preceder a execução

(MERLEAU-PONTY, 1991). Na ação de explorar sonoridades e músicas, o acaso, o encontro e a convivência constituem-se como molas da ação poética infantil, memória de um corpo passado, presente e um devir que nem mesmo se tem consciência naquele momento. Assim, o ato de brincar com sons carrega a necessidade humana de sentir antes de dar sentido.

Os diferentes retratos sonoros investigados nos mostraram que, para as crianças, fazer música é brincar com sons no limite do risco: *risco físico* (de se deparar com a constituição acústica da onda sonora, explorando aleatoriamente suas qualidades/habilidades), *risco da gravidez* (de se ver provocadas e envolvidas obrigatoriamente na escuta, reproduzindo interpretativamente, expressando, afirmando ou negando coerências musicais emolduradas socialmente) e, *risco da criação* (quando, poeticamente, inventam música). Para as crianças, a música se constituía em “sons, sons à sua volta” (CAGE, 1976), ou melhor, a música era vida e a vida era música³ (SCHAFER, 1991) e tinha o poder de evocar a singularidade e a coletividade da própria vida imediatamente, sem traduções.

Segundo (GAÉS, 2012), o século XX irrompe com a união de diferentes grupos de compositores interrogando as fronteiras entre o sonoro e o musical, mesmo que com pequena repercussão nas práticas pedagógicas da Educação Musical. Nesse momento, o ruído emerge como elemento de renovação do discurso sonoro e a escuta do mundo cotidiano invade as performances e reflexões da prática docente. Atalli (1977, p.9) afirma que “com o ruído nasce a desordem e seu oposto: o mundo”. É o apelo à ordem que faz a música esta organização concebida pelo humano de sons e silêncios. A música como tal é conservadora. Guarda uma memória. Congela um tempo. Ressoa uma trajetória. Define uma fôrma. Apresenta um ponto de escuta. Expressa a escolha de um corpo que foi convidado a tomar decisões de ação na vida cotidiana. Teve a capacidade de acolher e colocar-se diante do indeterminado, do imprevisível, do inexistente. Do som, como ruído, mescla ou tom, e do silêncio, como tensão ou repouso.

Ao destacar as experiências sociais promovidas pela música e as possibilidades de ampliação das capacidades humanas dois compositores emergem no cenário brasileiro movimentando concepções pedagógicas constituídas: Koellreutter e Schafer. Se Koellreutter

³ A expressão é inspirada nas máximas aos educadores escrita por Schafer (1991), ou melhor, um dos pequenos lembretes que o compositor remete aos educadores musicais para que eles se mantenham sempre em forma: “para uma criança de cinco anos, arte é vida e vida é arte. Para uma de seis, vida é vida, arte é arte. O primeiro ano escolar é um divisor de águas na história da criança: um trauma” (SCHAFER, 1991, p. 277).

(1995) educador afirma o “humano como objetivo da Educação Musical”, Schafer (1991) indica a interação entre as artes como estratégia didática. Ao reivindicar o lugar da experiência estética e do viver como jogo sonoro, confrontando-se com os muitos sujeitos que habitam cada ser e com o território de construção de vínculos na e para cultura conquistado na manipulação das materialidades cotidianas, esses compositores apontam que fazer música é brincar e sublinham que a experiência musical em educação se atualiza pela ludicidade (do perceber, do intuir, do sentir, do refletir, do repetir, do criar, do transformar). Assim, propõem uma multiplicidade de jogos de improvisação e exercícios de abertura do ouvido pensante (SCHAFER, 1991) para compor o fazer docente no qual a improvisação e a composição tem lugar destacado.

A experiência de viver os jogos de improvisação e os exercícios de abertura do ouvido pensante podem contribuir para sustentar o planejamento, a organização e a realização do encontro propositivo entre crianças e adultos no ateliê a partir da consideração pela imprevisibilidade dos “ritmos infantis” (CABANELLAS; ESLAVA; ESLAVA; POLONIO, 2007). Isto porque,

as manifestações languageiras das crianças e dos artistas convidam a reorganizar o mundo e experimentá-lo, em outras versões, mediados pelos corpos que se mexem, que nem sempre falam com palavras e letras, mas que tanto dizem, provocando a conhecer o desconhecido ao mesmo tempo em que se constroem outros lugares de experiências, estranhando e conhecendo a todo instante (GOBBI, 2010, p.2).

As Rodas Poéticas se constituem como um lugar e um tempo de parceria que investe no trabalho cooperativo no qual crianças e adultos dispõem de tempo para gradualmente conquistarem repertórios de mundo: sonoridades, traços, palavras, gestos, sentidos, para então explorarem em suas escolhas possibilidades de significar a coexistência no mundo. Para Hoyuelos (2007), o ateliê funciona como pedagogia da expressão, “lugar de provar, explorar, equivocarse fazer loucuras, inventar, indagar, sair da rotina. Convida a atrever-se a romper com o cotidiano. Supõe uma perturbação para sair dos estereótipos, das fórmulas fechadas”. Assim, o ateliê é o lugar e o tempo do acontecimento lúdico da pesquisa, do refinamento, do encanto, da

escuta, das destemporalidades, no qual também podemos complexificar e refinar modos de escuta, observação e registro.

O ateliê, em qualquer lugar⁴, constitui um espaço e um tempo de encontro e convivência entre crianças e adultos no contexto da vida coletiva da Educação Infantil, respeitando seu direito a organização e estruturação como um espaço/tempo de exploração e pesquisa. Assim, se o Ensino Fundamental tem como objeto o ensino, "um espaço privilegiado para o domínio dos conhecimentos básicos" (ROCHA, 2001, p.31), poderá ter uma sala de aula, com quadro negro, classes e cadeiras dispostas. Porém, se a Educação Infantil tem como espaço privilegiado as **relações** (MALAGUZZI, 1999), as **interações** e as **brincadeiras** (BRASIL, 2009a), o ateliê se apresenta como o espaço/tempo propositivo, (onde) poderemos criar ações pedagógicas significativas e enriquecedoras para as crianças.

Esse projeto de pesquisa apresenta-se pois, como uma possibilidade de aproximação para interrogar as fragilidades e potencialidades de constituir-se professor na Educação Infantil. As últimas conquistas na legislação ocorreram como fruto de uma história de lutas e reivindicações de diferentes grupos da sociedade civil organizada e podem significar um avanço para a Educação da Infância. No entanto, novas tensões são evidentes nesse cenário para que as práticas pedagógicas não se apoiem em um modelo de conhecimento escolarizante e mecânico (NUNES, CORSINO, DIDONET, 2011, p.44). Planejar, organizar e realizar Rodas Poéticas permite refletir os desafios da organização dos sistemas de ensino em termos da formação docente, de propostas curriculares e políticas de gestão pública na e para a infância.

As Rodas Poéticas ocorrerão no espaço físico do ateliê como "unidades de vida" (APPELL; DAVID, 2010, p.31), ou nossa "sala de referência" (BONDIOLLI, 2004). Um espaço disponível para crianças e adultos brincar, cujo foco investigativo são como as crianças se relacionam e interagem consigo mesmas, com as outras crianças, com os adultos e com o mundo.

Portanto, as Rodas Poéticas compreendem, com Malaguzzi (1999, p.61), que "as coisas relativas às crianças e para as crianças, somente são aprendidas através das próprias crianças". Afinal, "as crianças possuem cem linguagens que necessitam de uma escuta atenta, cuidadosa e respeitada por parte do adulto-professor" (RINALDI, 2012, p.44). Aprender e saber narrá-las é

⁴ Não há necessidade de "construir" um "ateliê", mas habitar um lugar na intencionalidade de promover experiências lúdicas com materialidades e ferramentas.

uma forma de produzir conhecimento tão importante quanto escutá-las cotidiana e interrogativamente. Isso porque, no ato narrativo de cantar – ou falar, tocar, dançar, dramatizar – das crianças, estão imbricadas as biografias profissionais e pessoais dos docentes, suas perspectivas, impressões, expectativas (HOYUELOS, 2006).

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Infancia e História**: ensayo sobre la destrucción de la Experiência. Adriana Hidalgo Editora: Buenos Aires, 2011.

AKOSCHKY, Judith. Escuchar, Cantar, Tocar: compartir experiências musicales em los primeiros años. In: SOTO, Claudia; VIOLANTE, Rosa. **Experiencias Estéticas em los primeiros años**: reflexiones y propuestas de enseñanza. 1 ed. Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Paidós, 2016. 111-136p

APPEL, Geneviève; DAVID, Myriam. **Lóczy, una insolita atencion personal**. Barcelona: Octaedro, 2010.

ATTALI, Jacques. **Bruits**: essai sur l'économie politique de la musique. Presses Universitaires de France: Paris, 1977.

BARBOSA, Maria Carmen; RICHTER, Sandra Regina Simonis. Entre Mia Couto e Michel Vandebroek: outra educação da infância por inventar. In: ABRAMOWICZ, Anete; VANDERNBROECK, Michel (orgs.). **Educação infantil e diferença**. Campinas, SP: Papirus, 2013, p.27-48.

BERLE, Simone. **Infância e Linguagem**: educar os começos. Dissertação de Mestrado. Programa de Educação, Mestrado em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul, UNISC, 2013. 116p

BONDIOLI, Anna (Org). **O tempo no cotidiano infantil: perspectivas de pesquisa e estudo de casos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BORNHEIM, Gerd. **Metafísica e finitude**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

BOURSCHEID, Clarice Campos. **Escuta estética/poética na creche**: encontros musicais com bebês e crianças pequenas. 2014. 228f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNISC, Santa Cruz do Sul.

BRASIL. Ministério da Educação. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CEB n. 05, 17 dez. 2009. Institui as **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Diário Oficial República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 18 dez. 2009a. Seção 1, p. 18.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Práticas cotidianas na Educação Infantil** – bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Projeto de cooperação técnica MEC e UFRGS para construção de

orientações curriculares para a Educação Infantil. Brasília, 2009b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf> Acesso em: 05 mar. 2014.

BRITO, Teca Alencar. **A música na Educação Infantil**, propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Peirópolis, 2003.

CABANELLAS, Isabel; ESLAVA, Juan; ESLAVA, Clara; POLÔNIO, Raquel. **Ritmos Infantis: tejidos de um paisaje interior**. Temas de Infancia, 22. Editorial Octaedro: Barcelona, 2007.

CAGE, John. **Silence**. Middletown: Wesleyan University Press, 1976.

CHARLOT, Bernard. Criança no singular. Entrevista. **Presença Pedagógica**, v. 2, n. 10, p. 5-15, jul./ago., 1996.

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter.; PENCE, Alan. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ESCOUBAS, Eliana. Alguns temas da estética francesa contemporânea. O que nos faz pensar, **Cadernos do Departamento de Filosofia** PUC-Rio, n. 21, jul. 2007, p. 213-226. Disponível em: <http://www.oquenofazpensar.com/adm/uploads/artigo/alguns_temas_da_estetica_francesa_contemporanea/artigos219232.pdf> Acesso em 20 de abril 2015.

FONTEERRADA, Marisa. **Ciranda de sons: práticas criativas em Educação Musical**. São Paulo: UNESP, 2015.

FRABETTI, Roberto. A arte na formação de professores de crianças de todas as idades: o teatro é um conto vivo. **Pro-Posições**, Campinas, v.22, n.2 (65), p. 39-50, maio/ago. 2011.

GAÉS, Luis. **El arte del ruido**. Ediciones Alpha Decay: Barcelona, 2012.

GOBBI, Márcia. **Múltiplas linguagens de meninos e meninas no cotidiano da Educação Infantil**, 2010. Consulta Pública sobre Orientações Curriculares Nacionais na Educação Infantil. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=1096&id=15860&option=com_content&view=article> Acesso 01 de abr 2016.

GATTI, Bernadete. “O que se percebe é que a questão da docência é sempre relegada como se fosse algo menor”. **Cadernos CENPEC**. São Paulo, v. 4, n. 2, p. 248-275, dez. 2014.

GOBBI, Márcia; PINAZZA, Mônica. **Infância e suas linguagens**. São Paulo: Editora Cortez, 2014.

HORTELIO, Lydia. Entrevista. **Revista Reflexão e Ação**. UNISC. Universidade de Santa Cruz do Sul, 2014, v.5.

HOYUELOS, Alfredo. **La estética en el pensamiento y obra pedagógica de Loris Malaguzzi**. Barcelona: Octaedro, 2006.

KOELLREUTTER, Hans-Joachim. O caminho da superação dos opostos. Música Hoje - **Revista de Pesquisa Musical**. Belo Horizonte, Núcleo de Apoio à Pesquisa e Centro de Pesquisa em Música Contemporânea da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, n. 2, p. 7-26, 1995.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Currículo e conteúdos específicos da Base Nacional Comum de Educação Infantil. Parecer crítico. **Portal da BNCC**. MEC. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/relatorios-analiticos/pareceres/Tizuko_Morchida_Kishimoto.pdf> Acesso 4 de abr 2016.

MALAGUZZI, Loris. Histórias ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Artes Médica, 1999.

MATEIRO, Teresa; ILARI, B. (Org.). **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba: Ibpex, 2011. (Série Educação Musical)

MERLEAU-PONTY, Maurice. A linguagem indireta e as vozes do silêncio. In: **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999b.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

NUNES, Maria Fernanda Rezende; CORSINO, Patricia; DIDONET, Vital. **Educação Infantil no Brasil**: primeira etapa da educação básica. Brasília : UNESCO, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, Fundação Orsa, 2011. p.102.

OSTETTO, Luciana. A arte no itinerário da formação de professores: acender coisas por dentro. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.14, n.1, p.29-43, jan./jun, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido, (org.). **Formação de Professores**: identidade e saberes da docência. In. Saberes Pedagógicos e Atividade Docente. São Paulo: Cortez, 2002, pp. 15-34.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1988.

RICHTER, Sandra R.S.; BARBOSA, Maria Carmen S. Entre Mia Couto e Michel Vandembroeck: outra educação da infância por inventar. In: ABRAMOWICZ, Anete; VANDENBROECK, Michel (orgs.). Educação infantil e diferença. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

RICHTER, Sandra R.S.; BARBOSA, Maria Carmen S. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche. **Educação**, v. 35, n. 1, p. 85-96, Santa Maria: UFSM, Jan./Abr.2010.

RICHTER, Sandra Regina Simonis; BERLE, Simone. A pedagogia como gesto poético. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 4, p. 1027-1043, out./dez. 2015.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar, aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. **A pedagogia e a educação infantil**. Revista Brasileira de Educação, n.16, p.27-34, jan/mar. 2001.

SCHAFER, Murray. **O ouvido pensante**. Trad. Marisa Trench de Oliveira Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: UNESP (Editora da Universidade Estadual Paulista), 1991.

STACCIOLI, Gianfranco. As di-versões das imagens infantis. In: **Pro-Posições**, Campinas, v.22, n.2 (65), p. 21-37, maio/ago. 2011.